

# Ecos de Guimarães

XII Ano — Numero 486

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 39

Redacção e Administração  
EM GUIMARÃES  
Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor  
— JOÃO PEREIRA DA COSTA —  
Guimarães, 29 de Outubro de 1927

Composição e Impressão  
Tipografia «LUSITANIA»  
Perto do Tribunal

## Rainha D. Amélia

Sua Magestade a Rainha D. Amélia foi agraciada com a medalha de Paris

Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amélia entregou em 20 do corrente aos representantes da Câmara Municipal de Paris a espada legada à cidade por Seu irmão o Duque de Orléans no seu testamento aprovado em 26 de Novembro de 1922 e que foi oferecida a Seu pai o Conde de Paris pela vereação municipal no dia 1 de Maio de 1841.

Sua Magestade pronunciou as seguintes frases na ocasião da cerimónia:

«Senhores

«Tenho a honra de entregar aos representantes da cidade de Paris a espada oferecida por ela a meu pai no dia do seu nascimento.

«Conservou-a êle sempre e meu irmão como uma das mais preciosas reliquias. Legando-a à cidade de Paris, o Duque de Orléans, meu irmão, tributa assim à capital da França, e como êle, meu pai, meu avô e nós todos também, através de todas as vicissitudes da História, o seu acrisolado amor à terra francesa.»

Ante a atitude da excelsa Princesa, o conselho da Câmara Municipal resolveu testemunhar a sua gratidão aos Herdeiros do Duque de Orléans e oferecer a medalha da cidade de Paris à Rainha viuva de Portugal.

O «Ecos de Guimarães» beija respeitosamente a mão da Excelsa Rainha de Portugal.

## Armando Pinto de Souza

No Marco de Canavezes, faleceu, em 8 do corrente, o sr. Armando Pinto de Souza, antigo director de o nosso prezado confrade «O Marcoense».

Era ainda novo, mas os seus serviços prestados à Causa Monárquica eram já consideráveis, pois foi um dedicadíssimo soldado em defesa permanente do ideal monárquico.

A sua desolada família e ao «Marcoense», que perde um leal e valoroso companheiro, envia o «Ecos de Guimarães» sentidos pezames.

## Príncipe Guilherme de Hohenzollern

Em Sigmaringen, faleceu no dia 23, o Príncipe Guilherme de Hohenzollern, sôgro de Sua Magestade o sr. D. Manuel II.

Está de luto a casa reinante portuguesa e toda a família monárquica que presta o seu respeito e estima a Suas Magestades.

O Príncipe Guilherme era filho do Príncipe Leopoldo de Hohenzollern e da Sereníssima Infanta D. Antónia, irmã de El-Rei D. Luís I, filha da Rainha D. Maria II e do Rei D. Fernando, da Casa de Saxe-Cobourg Gotha. Ocupou no exército alemão os mais altos postos, ostentando o seu peito as medalhas mais raras e de maior valor.

Casou em Sigmaringen com a Princesa Maria Tereza da

Casa de Bourbon — Duas Sicílias. Dêste casamento nasceu a nossa Rainha, D. Augusta Vitória.

A morte do Augusto Pai da Rainha de Portugal não deixa de levar a tristeza e o luto a todos os portugueses que acompanham a família real no grande desgosto por que acaba de passar.

O «Ecos de Guimarães», que profundamente sente a dor que, na hora presente, punge o coração de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Augusta Vitória, pede aos monárquicos portugueses que levantem a Deus uma préce fervorosa por alma do grande morto, o Príncipe Guilherme, e, respeitosa-mente, beija a mão de Sua Magestade a Rainha.

## A catástrofe da Póvoa de Varzim

Está ainda na memória de todos a lembrança dessa pavorosa catástrofe há duas semanas ocorrida na enseada da Póvoa de Varzim. A seu respeito disseram-se na imprensa coisas inverosímeis, pretendendo-se atribuir à leviandade dos «passeantes» a responsabilidade na tragédia. O «Ecos de Guimarães» no desejo de prestar esclarecimentos aos seus numerosos leitores e pô-los ao facto do que se passou, publica, devidamente autorizado, a carta que o nosso amigo e prestigioso director da Escola Académica dirigiu ao «Jornal de Notícias».

Por ela se vê claramente a quem pesa a responsabilidade na tremenda desgraça. Ei-la:

Principio por declarar a V. Ex.ª que ás fortes e terríveis comoções por que acabo de passar mais uma se veio juntar, produzida pela leitura do «Jornal de Notícias» de hoje.

A reportagem da horrorosa tragedia occorrida na Póvoa de Varzim é de tal maneira infiel e injusta que não posso deixar de me dirigir a V. Ex.ª pedindo o favor de publicar alguns esclarecimentos, sem os quais os numerosos leitores do jornal que V. Ex.ª proficientemente dirige, ficariam muito longe de calcular a verdade. Visto que nesse relato toda a culpa da saída para o mar se atribue aos passageiros eu, sendo um deles, apelo para o direito que a lei me confere a fim de que esta minha carta seja publicada na primeira página do jornal—lugar em que aquela falsidade é mais insistentemente afirmada.

Compreendo a dificuldade em que o reporter se viu para colher informações

e lamento como V. Ex.ª lamentará também, que só tenha encontrado pessoas que, seja pelo que fôr, o enganaram re-dondamente.

O jornalista colheu do sr. Joaquim Augusto da Paz as informações seguintes: «Aquele gente quiz ir para o mar apesar da proibição da capitania—e das vagas alteras».

«O arrais Capelão quiz resistir—empregou todos os meios: Que era proibido, que o mar fazia muita vaga, que o tempo não estava de feição, que não era permitido visitar os barcos de guerra! A nada atenderam! Alguns homens despeitados chegaram a despir os casacos, tomando os remos por sua conta. Um deles chegou a dizer: «E é este homem Poveiro! Então essa valentia não dá para mais?!» O Capelão vendo-se impotente, consentiu em levá-los. Foi também o barco do arrais Eusébio. No mar, vendo que os homens não sabiam governar, o Capelão e o Bela-Flor, que o ajudava pegaram nos remos.

E lá foram! Minha mulher augurou mal da viagem.

—Porquê?

E' a mulher do sr. Paz que responde: —Eu lhe digo. O mar não estava de maré. E depois os barcos castaram a despejar da praia. Parece que já adivinhavam o perigo!

Onde queriam ir os passeantes? Visitar o «Vasco da Gama».

Parece impossível que em tão pequeno espaço esteja contida tanta inexactidão! Felizmente são bastantes os sobreviventes para comprovarem o formal desmentido que oponho a tudo isso.

«Eu conto, em poucas palavras, o que se passou. Vendo passear na praia alguns marinheiros, veio-me á mente que podia fazer parte da tripulação de alguns dos barcos de guerra um antigo aluno meu, hoje official de marinha, a quem muito estimo. Dirigi-me a um marinheiro perguntando se o conhecia. Respon-

(Conclue na 2.ª página)

## António Carmona

Trisavô do ilustre General Sr. Oscar de Melo  
= Fragoço Carmona =

O nosso presado colega «Correio da Manhã», publicou há dias alguns traços da biografia de António José Machado Carmona, que foi um militar valoroso que muito se distinguiu nas campanhas da Guerra da Sucessão e que era trisavô do ilustre general sr. Oscar de Melo Fragoço Carmona.

«Tomou parte na campanha da Beira, que se desenrolou durante o ano de 1701, achando-se na tomada da vila de Guinaldo e do Castelo de Monsanto e no reconhecimento da passagem do rio Agueda, onde foi ferido numa perna com uma bala de mosquetaria.

Militou nas campanhas havidas nos anos de 1705 e 1706, encontrando-se no assalto a Salvaterra, perto de Badajoz, no reconhecimento da passagem do rio Solar, no recontro de Praças, em que foi gravemente ferido na cabeça e num braço, na tomada de Alcantara, Cidade Rodrigo, Salamanca, Coria, Placença e Moraleja, tendo entrado em Madrid com as tropas do marquez das Minas.

Na Batalha de Almança (25 de julho de 1707) levou e defendeu denodadamente o estandarte, tendo interferido em todas as demais operações de que foi nesse ano teatro a Catalunha e nas que se realizaram nos anos de 1708 e 1709.

Interviu também na campanha que se desenvolveu no ano de 1710, sendo porta-bandeira na batalha de Almenara (21 de julho) e tomou parte activa na de Saragoça (20 de agosto) em que as nossas tropas se cobriram de glória.

Em 1711 cooperou esforçadamente na tomada de Balaguer. Nesse ano, estando o exército inimigo concentrado e fortificado na praça de Silveira, foi pelo tenente-coronel D. José Páger incumbido de sondar os objectivos do adversário. No desempenho desta árdua missão para a qual lhe foram dados dez cavalos, teve de sustentar renhido combate com vinte e cinco dos inimigos que lhe saíram ao encontro, os quais foram afinal destróçados, morrendo três na refrega e ficando quatro prisioneiros.

António José Machado Carmona morreu em Chaves, sua terra natal, pelo ano de 1740, sendo capitão de cavalos do regimento do coronel Sebastião da Cunha Sotto Maior, aquartelado naquela praça.

Possuiu uma importante livraria, hoje dispersa, na qual usou o ex-libris (reproduzido no «Correio da Manhã»).

Escudo esquadrelado, encimado por corôa ducal; no primeiro quartel, as armas dos «Carmonas»—de azul (no ex-libris está de prata), banda de ouro, saindo da cabeça de duas serpes de verde e acompanhada de duas flores de lis de ouro; no segundo quartel, as armas modernas dos «Machados»—em campo vermelho, cinco machados de prata, encabados de ouro e postos em santor; e assim os contrários.

Outubro de 1927.

Francisco de Assis Teixeira.

## Uma carta

A propósito duma carta do nosso conterrâneo e grande amigo da Penha, sr. Armindo Peixoto, publicada no nosso jornal, recebemos do sr. dr. Mariano da Rocha Felgueiras a carta que se segue:

Paris, 14 de Outubro de 1927.

...Sr. Director do «Ecos de Guimarães»:

Em 8 do corrente, publicou o «Ecos de Guimarães» uma carta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Armindo Peixoto, na qual o meu nome é citado, a propósito da Penha, afirmando-se que:

1.<sup>o</sup> O sr. Peixoto me escreveu, oferecendo-se para arranjar um engenheiro que elaborasse a planta de um novo hotel, parque e avenidas da encosta, não lhe havendo eu respondido, não obstante ter, por intermédio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Pina, instado pela resposta;

2.<sup>o</sup> Que eu me encarreguei de procurar obter a cedência do material da igreja que os padres jesuitas trouxeram em construção na Rua de Francisco Agra, para com elle se iniciar a edificação de um templo na Penha;

3.<sup>o</sup> Que me lembrou a necessidade de incluir a Penha no regime florestal, e

4.<sup>o</sup> A conveniência da Comissão de Turismo conseguir incluir todas as freguesias do concelho na incidência do imposto para melhoramentos na Penha.

Pego a V... me permita a publicação no seu jornal das seguintes observações:

Por educação e por feitiço, nunca deixo de responder ás cartas que recebo. Não me recorde daquela ou daquelas a que o sr. Peixoto se refere, mas, se não respondi por escrito, te-lo-ei feito, talvez, por intermédio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Pina, membro como eu da Comissão de Turismo, a quem S. Ex.<sup>a</sup> encarregou de me falar no assunto, e que mais a miúdo do que eu, com S. Ex.<sup>a</sup> se encontrava.

E, naturalmente, a resposta teria sido de que a Comissão de Turismo resolvera empregar todos os seus esforços e recursos na realização do projecto da viação eléctrica até ao alto do monte, convencida de que, depois de estabelecida uma comunicação cômoda, constante e barata, entre a cidade e a Penha, se torna muito mais fácil, rápida e produtiva a construção do hotel bem como de outros melhoramentos em vista.

Não cheguei a pedir a cedência do material da igreja da Rua de Francisco Agra, porque um dos membros da Comissão de Turismo, que eu respeito e admiro como artista, me convenceu de que esse material não servia para a construção de um templo na Penha.

O projecto da sujeição ao regime florestal parcial dos terrenos da Penha, bem como da mata da Costa, já desde há muito tempo me merecia toda a atenção; simplesmente, nem tudo é fácil de se obter, pelo menos com brevidade, como se afigura ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. A. Peixoto, na sua tão louvável ansiedade de ver progredir a sua terra. Para se conseguir o início do complicado e demorado processo para a sujeição ao regime florestal, é necessário o levantamento de plantas de todos os terrenos, com minuciosidades e em escala tais, que exigem o dispêndio de muito tempo e dinheiro. Consegui as plantas, gratuitamente, pela generosa dedicação bairrista do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Capitão Pina que, a meu pedido, as levantou, tendo-mas entregue pouco antes da minha saída do país, data em que estavam em andamento as demais formalidades necessárias para o efeito.

Na incidência do imposto de turismo foram, a meu pedido, abrangidas as freguesias da cidade e outras, não o sendo todas as do concelho, porque, numa matéria delicada como é a do aumento de encargos aos contribuintes, a Comissão de Turismo entendeu que devia proceder com cautela e dentro de limites duma rigorosa justiça.

Permita-me mais V... aproveitar esta oportunidade para esclarecer aos que se interessam pela Penha, de que a Comissão de Turismo, com os bem limitados recursos de que ainda dispõe e que, mesmo assim, só ao cabo de pacientes e demorados esforços conseguiu, traçou um plano de trabalhos ao qual obedece e em que figura como realização inicial a conseguir, a tracção eléctrica.

Encarregou a conhecida casa da especialidade A. E. G. da elaboração do projecto e orçamentos, base indispensável de toda a acção a prosseguir.

Em resposta ao vimaranense ilustre  
ARMINDO PEIXOTO

Meu Amigo:

Acabo de ler as «Viagens na Minha Terra» de Almeida Garrett, de onde tiro este grito de alma para atirar a quantos com admiração nos falam de coisas belas que há por esse mundo além, mas que ainda lastimosamente não viram a nossa Penha:

—«Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do Ocidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam!»

...Noto, com agrado, que também assim pensas da nossa Penha sem igual,—diz-mo a tua carta e o apaixonado carinho que lhe votas.

Simplemente o que não está certo é ária de desânimo que ainda tenho no ouvido por virtude da leitura da tua carta. E como no dizer de Goethe, todos os dias deveríamos ouvir pelos menos uma linda canção, ler uma poesia, contemplar um belo quadro e, se fôsse possível, pronunciar algumas belas palavras, quero desvenecilhar-me da impressão desalentadora que me derramaste como chumbo derretido por sobre a cabeça, (ui! que horror!) trazendo para o foco das minhas visões de sonho uma Penha erguida nos ombros fortes dos seus filhos—fantasia tão grata ao meu espirito que me lembra Atlas erguendo o globo e Archimedes voltando a face ao mundo por haver, enfim, encontrado o ponto de apoio para a sua alavanca portentosa.

Pois quê! Lá porque o «Senhor Doutor» nunca se dignou responder-te, «a pesar de lhe teres escrito mais que uma vez»; lá porque os teus colaboradores eram frios e os teus oferecimentos não fôsse acolhidos com aplauso; lá porque não podeste navegar com vento bonancoso e encontraste escolhos e recifes, tormentas e procelas, o diabo feito Adamastor, era ou é isso motivo para interromperes viagem, deixares de singreres com novas marés e novos ventos?

Oh! Abençoado optimismo que a mim me faz cavaleiro andante, sempre de lança em riste, sempre de viseira erguida, sempre óvante, óvante—pela minha, pela nossa terra!

Deixa lá, caro Armindo, os zoiolos e os ineptos. Bemaventurados são os homens de boa vontade, pois deles é o reino da terra.

Volta, sim, á carga, á primeira linha de fogo, pois a batalha é grande e não dispensa, não pode dispensar nenhuma simpatia, nenhum esforço, nenhuma parcela de acção.

Desânimos em nós, que ainda somos moços,—embora há mais de um carro de anos deixassemos

A casa A. E. G., depois de mandar os seus engenheiros ver a estrada, e ter recebido as plantas e perfis da mesma, enganou, durante longos meses, a Comissão, fazendo-a esperar por um trabalho que nunca chegou a entregar, atirando com as culpas, umas vezes para a sua filial de Madrid, outras para a sede de Berlim.

Desenganada a Comissão e obtida a devolução das plantas e perfis, foi tudo entregue a uma outra casa, também da especialidade, cuja denominação agora me não ocorre, mas que sei ser suíça. Esta casa igualmente mandou a Guima-

de ser crianças de peito—só deslustra e envergonha a nossa razão de ser nesta via-dolorosa da existência.

Ala-a-riba, pois, contra todos os empatas, contra todos os gafados de vontade!

Importa somente conjugar os nossos pontos de vista com os pontos de vista dos demais colaboradores; acordar num plano; estudar os recursos; vencer oposições tolas; arrumar para o lado os enguiços; darem-se mãos leais às leais mãos que se nos estendam e, ala, ala-riba!

Venha daí a remodelação da Comissão de Turismo; enchertem-na com novos elementos de acção; e, caro Armindo, tu que não triunfaste como Juiz duma irmandade, talvez sem opa e sem cirio possas produzir mais e melhor—tanto a ideia de «irmandade» se me afezron ao caco como uma ideia de trambolho e estôrvo.

Quanto ao mais... ao caldo verde do electrico para a Penha, toda a gente gosta d'elle já, já, muito fresquinho, se poder ser. Mas é evidente que se pelas razões do seu custo êle demorar a ser servido, então, venha de lá, ó chefes cozinheiros, o hotel novo e o mais que figure na lista dos melhoramentos viáveis.

Sei dizer-te, caro Armindo, que o electrico custa coisa apròximada a 1.500 contos. E mais: que é assunto já estudado por uma casa alemã, sem que, contudo, saiba dizer-te de onde há-de vir nem a energia motriz, nem a energia capital.

Um empréstimo? Certamente. Demais que tem as comissões de turismo a faculdade legal de os contrair.

O que importa fundamentalmente, urgentemente, é isto:

Acabar o reinado da mandria em que está vivendo a Comissão de Turismo da Penha e evitar que a tua desolação inunde o ânimo dos vimaranenses; pois não há coisa de mais fácil cópia entre a nossa gente que o de cada um tratar de cada qual, na preguiçosa e egoísta filosofia car seira de que Deus Nosso Senhor cuidará de todos.

Ora, pois, vamos a isto que é uma pressa, visto terrinha que não avança—recura.

Caro Armindo: fita os teus olhos e estende o teu braço, ao nascente, bem na direcção da Penha, e jura em solene promessa que a não olvidarás, jamais, comprovando assim que mais pode em ti o encanto das suas belezas naturais que os prejuízos dos nullos e ingratos.

Um abraço do teu—A. L. DE CARVALHO.

rões os seus engenheiros para ver a estrada e prometeu proceder com brevidade e correção. Meses, porém, tem passado e não me consta que, até agora, tenha apresentado o resultado do trabalho de que se encarregou.

Há oito meses que estou em Paris, nada podendo, portanto, dizer sobre o que se tenha passado durante a minha ausência.

Creja-me, sr. Redactor, com a maior consideração

De V..., etc,

Mariano da Rocha Felgueiras.

## A catástrofe da Pov. de Varzim

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

deu-me que sim, que se encontrava de serviço no destroyer «Vouga». Muito naturalmente, desejei visita-lo. Encontrei então o malogrado Antonio Alves de Souza, a quem comuniquei a minha intenção.

Respondeu-me, entusiasmado, que também queria ir, que já tinha falado nisso com o seu irmão Pedro e que o ia chamar, para ir também. Voltou acompanhado não só do irmão, mas também da mãe, D. Joaquina de Souza. Dirigi-me ao arrais Caetano, a quem perguntei se se podia ir abordo do «Vouga». Respondeu prontamente que sim, sem esboçar a menor dificuldade, dizendo que ia lá por 15\$00. Dispuz-me a ir chamar uma das pessoas que nos deviam acompanhar e o arrais declarou que não podia esperar muito, porque lhe não faltava serviço.

Efectivamente, quando voltei já ela tinha saído com o barco. Dirigimo-nos então ao arrais Capelão que da mesma maneira nos respondeu logo, e afoitamente, que podíamos ir. Custava 1\$50 por pessoa! Quando entramos para o barco, dirigiu-se-me o *chauffeur* e ex-distribuidor do correio, de Guimarães, Antonio Ferreira, a pedir que o deixassem ir. Respondi «que já achava carga bastante e que não era propriamente comigo porque pagavamos por pessoa.

O arrais interveio, dizendo que podia ir á vontade, que o barco era de doze logares, e dispunha-se a dar entrada ainda a outro individuo que não conheço, ao que me opuz terminantemente. Saimos. Fique desde já dito que nem eu nem os meus companheiros de passeio pusemos as mãos nos remos. Quem remou o barco foram os barqueiros. A uma pequena distancia, a minha sobrinha Adriana manifestou o receio de que acntecesse perigo, ao que o arrais retorquiu que fosse descansada, que não havia perigo nenhum. Lá fomos até junto do Vouga e informados de que o official meu amigo tinha vindo para terra, para terra viemos também contra vontade do arrais que queria ir até ao «Vasco da Gama». Depois... foi a tragédia horrível, que tirou a vida a quatro dos meus companheiros e no-la ia tirando aos restantes cinco!

O que fica dito chega para que os leitores concluam que é absolutamente falso:

1.<sup>o</sup>—Que algum de nós conhecesse a proibição da capitania de que saíssem barcos para o mar. Absolutamente ninguém nos falou nela.

2.<sup>o</sup>—Que alguns dos homens, despeitados, chegaram a despir os casacos, tomando os remos por sua conta. Um deles chegou a dizer: «E é este homem poveiro!» etc.

Pura fantasia, para não lhe chamar outra coisa!

Muito mais teria de corrigir, mas ponho ponto, porque esta já vai longa e creio ter dito o suficiente para que todos reconheçam que eu tive razão para me sentir fortemente encomodado com a leitura do «Noticias». Não fique porem sem dizer que até a nota faditica ou supersticiosa que o *reporter* fere é uma nota desafinada. No nosso barco iam nove «passeantes» e dois barqueiros, ao todo onze pessoas.

Eis os nomes dos meus companheiros: D. Joaquina de Souza; seus filhos, ambos casados, Pedro e Antonio; Antonio Ferreira o «Vale-a-Pena», *chauffeur* e ex-distribuidor do correio (uma pessoa só); D. Gloria Vieira, moísta e seu sobrinho Jaime; minha sobrinha Adriana Simões; D. Noemia Caldas; o signatario e os dois barqueiros. Pereceram quatro, visto que o estudante de Vizela nada tinha conosco. Andava noutro barco.

A V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Director, agradeço a publicação desta carta e a Deus o ter-me salvado desta horrorosa tragédia, pedindo-lhe que tenha á Sua vista as almas dos meus chorados companheiros que pereceram vítimas duma desgraça tremenda e não por aquela levandade que o *reporter* do «Jornal de Noticias» registou.

De V. Ex.<sup>a</sup>

At.<sup>o</sup> V.<sup>o</sup> e obg.<sup>mo</sup>

Manuel da Costa Pedrosa

Director da Escola Academica-Internato Municipal

## Irmandades & Irmandadeiros

Tendo sido ofertado em 1875 à devota imagem de Nossa Senhora da Madre de Deus, um trancelim de ouro, a mesa ultimamente dissolvida acaba de fazer entrega na presença da autoridade, à comissão administrativa, de um fio de latão!

Alegam tais senhores, que o trancelim então ofertado, é o mesmo que agora entregam, chegando a afirmar que o constar em todos os inventários e mais documentos, ser o mesmo de ouro, se deve à ignorância das pessoas que tem administrado a referida irmandade e muito principalmente às que compunham a mesa administrativa de então, pessoas estas que chamavam ouro a tudo que luzia.

Senhores irmandadeiros e mais acólitos, deixai em paz quem já não pode defender-se das vossas aleivosias!

Os vossos argumentos caem pela base.

Ninguém de bom raciocínio acredita, que houvesse uma pessoa, que ofertasse um objecto que actualmente, apesar da desvalorização da moeda nada vale.

Como justificais a vossa assinatura no termo de entrega, quando em 1923 vos apossasteis da referida irmandade?

Dar-se-ha o caso de para vós continuar a ser ouro tudo o que luz?

Não há pessoa alguma, desde que vos conheça, que vos tenha por tão ingênuos e ignorantes!

Perguntai a um dos acólitos que se propôs defender-vos na administração do concelho, qual o destino dado ao trancelim de ouro, que talvez ele vos possa elucidar.

Mas... isto é ensinar o Padre Nosso ao vigário, perdê-se-me o plebismo.

Vós bem o sabeis e portanto melhor será entregardes o referido objecto, antes que quem de direito a isso vos obrigue.

A actual comissão administrativa, não quer que amanhã a acusem de negligente, e como tal vai agir.

Povo de Guimarães.

Avalia nas mãos de quem se encontram os bens das irmandades da cidade, que os seus antepassados com tanto amor e devoção angariaram!

Depois de tudo isto, não seria bom e até necessário, para evitar casos destes, a dissolução de todas as irmandades e entregar o capital às casas de caridade que tão necessitadas estão? Por certo que era.

Uma das instituições deste género, talvez a que mais simpatia vos mereça, de nada precisaria se não fôsse o procedimento ignobil desse grupo de irmandadeiros.

Por certo ainda vos não esquecesteis da já celebre questão do Cordão e Chagas, irmandade esta de todos desconhecida.

Pois os personagens dessa questão são quasi os mesmos a cargo de quem tem estado a administração da Irmandade de N.ª Senhora da Madre de Deus. E dito isto escusado será mais.

## Antologia

### ANGELUS DEI

Morreu! Na triste alcova silenciosa,  
deitada no caixão,  
entre círios e pétalas de rosa  
inspira devoção!

Morreu?... Dorme tranqüila a bem formosa  
Senhora da Ilusão...  
Dorme, sonha... e, no lindo sonho, gosa  
a celestial Mansão!

Chamou-a Deus a Si! Era tam pura,  
tam simples e tam boa  
que Ele a roubou à terra, sem piedade.

Mas não morreu, passou da vida obscura,  
foi receber a c'roa,  
o prêmio da virtude à Eternidade!

ARNALDO BEZERRA.

## Falecimentos

### D. Etelvina Rodrigues

Na sua casa de Felgueiras faleceu a ex.ª sr.ª D. Etelvina Júlia Maurique Moreira Rodrigues, tia do sr. dr. Maximiano Simaens.

O seu cadáver foi trasladado hontem à noite para a igreja da Misericórdia, desta cidade, aonde se celebraram hoje os officios por sua alma com a assistência de vários eclesiásticos e cavalheiros da melhor representação social.

O cadáver da bondosa senhora foi conduzido ao cemitério municipal, ficando sepultado em jazigo de família.

A tãda a ilustre familia anojada envia o «Ecos de Guimarães» sentidas condolências.

### D. Maria da C. Sequeira

Faleceu a Senhora D. Maria da Conceição Sequeira, dedicada esposa do sr. Artur Sequeira, proprietário da «Casa Elegante» desta cidade.

Os seus funerais realizaram-se, na capela do cemitério com a assistência de amigos da familia anojada.

A extinta era sogra do sr. Reinaldo Roris.

A tãda a familia envia o «Ecos de Guimarães» sentidas condolências.

### Alvaro Cabral

Apareceu no rio Douro, junto à Ponte de D. Maria, o cadáver dum individuo bem vestido, aparentando 40 anos e que foi apanhado nas redes duns pescadores que ali o encontraram, trazendo-o para terra. Conduzido para o necrotério, ali foi reconhecido ser o cadáver do nosso patricio, sr. Alvaro Cabral, abastado capitalista no Rio de Janeiro e que aqui viera de visita a sua familia. Aos seus envia o «Ecos de Guimarães» sentidas condolências.

### António Ferreira

Tambem appareceu o cadáver do nosso patricio, sr. Antonio Ferreira, chauffeur desta cidade. O seu cadáver, metido em caixão de chumbo, foi trasladado para esta cidade, aonde teve officios fúnebres, na igreja de S. Domingos, sendo conduzido ao cemitério com o acompanhamento dos seus colegas.

Paz à sua alma.

## COFRE

Grande, próprio para casa comercial, em bom estado, vende-se por preço razoavel. Informa J. Carvalho, Avenida Candido dos Reis.

## CAMIONETE

Vende-se uma camionete Ford, em bom uso. Falar com Bento Ferreira—Taipas.

## Venda de carros

Recebem-se propostas para a venda de um break e um char-à-bans, bem como dos respectivos arceios, achando-se uns e outros à disposição de quem quiser examiná-los na Garage do Largo dos Duques de Bragança.

Aluga-se a CASA DAS LAMEIRAS. Falar com o solicitador Pimentá.

## Em Guardizela

Voltaram os malfeteiros a fazer distúrbios na povoação de Guardizela.

As suas proezas precisam ser tomadas a sério pelas autoridades mandando averiguar o que por ali se passa.

Há dias incendiaram o alpendre do sr. Bento Custódio de Freitas Lima. Já em tempos cortaram, por malvadez, várias árvores de fruto, carvalhos e eucaliptos.

As paredes apparecem alagadas e os telhados sofrem diabruras sendo-lhes arremessadas pedras.

Esperamos que as autoridades procedam com rigor contra estes meliantes.

## Dia de Sinados

E' no dia 2 do próximo mês que a igreja nos manda orar pelos mortos. Dia de saudades e de tristezas!

A lembrança dos entes queridos se nos torna mais viva e mais intensa nêsse dia. O dobre dos sinos a cada instante nos recorda a obrigação de mandarmos para os nossos queridos mortos uma presse, um sufrágio.

E assim é que da igreja da Misericórdia sairá, no dia 1.º pelas 3 horas da tarde, a tradicional procissão de Sinados que irá em direcção ao cemitério municipal, aonde serão entoados alguns responsos pelas almas que à sombra da cruz ali dormem o sono eterno. *Piê Jesu. dona eis requiem.*

## Uma carta

Não publicamos hoje, por falta de espaço, uma carta do nosso bom amigo Sr. José de Pina, ex-secretário da Irmandade e presidente da Comissão de Melhoramentos na Penha.

## Telefones

A Associação Comercial de Guimarães, recebeu em resposta a um telegrama enviado ao Director do Depósito do Material dos Telegrafos, um officio comunicando que faria remessa do material no principio da próxima semana.

Vamos portanto ver realisada uma das mais velhas aspirações deste laborioso concelho de Guimarães.

## Os pinhos verdes

Os proprietários agricultores de Famalicão fizeram distribuir há dias um manifesto protestando contra o decreto n.º 12.866 que os obriga a pagar um duplo imposto sobre o mesmo género, sugerindo os viticultores a pesadas multas.

Trata esse manifesto da restrição e limite do plantio de vides americanas.

Prece-nos que o sistema tributário está realmente muito complicado, contribuindo-se o produtor por tudo e sem se atender às dificuldades de quem tem de pagar.

CARTEIRA

Aniversários

Durante a semana fizeram e fazem anos as Ex.<sup>mas</sup> Senhoras e cavalheiros:

- Domingo, 23—Condessa do Paço de Vitorino D. Maria da Conceição Lobo Machado.
- Terça-feira, 25—D. Ester Cohen Ferreira Leite, D. Maria dos Anjos Fernandes.
- Quarta-feira, 26—Francisco Ribeiro Martins da Costa (Aldão).
- Quinta-feira, 27—Condessa de Paço Vieira (D. Maria de Luz), Dr. Alberto Ribeiro de Faria.
- Sexta-feira, 28—D. Emilia da Natividade de Silva Bastos, D. Ana Augusta Mendes Ribeiro, Dr. Bento da Costa Caldas.
- Sabado 29—D. Maria Rosa Marques Bastos, D. Emilia Rosa Marques Basto e Dr. José de Barros da Rocha Carneiro.
- Segunda, 31—Viscondessa de Viamonte da Silva, D. Custódia Ribeiro da Faria.
- Terça, 1—D. Augusta Jorge, D. Maria do Carmo Melo Breiner, D. Maria Tereza Dias Queirós Castro, D. Berta Granja.
- Quarta-feira, 2—Dr. Ricardo José de Freitas Ribeiro.
- Quinta-feira 3—Doutora Albertina Pereira Mendes, D. Maria Eduarda da Silva Jorge, Camilo Laranjeiro dos Reis.
- Sexta-feira, 4—Luís Tropa d'Oliveira Ramos.
- Sabado, 5—D. Maria de Souza Lobo, D. Olympia Coelho Tropa, Manuel Pereira Mendes.

— Em 9 do corrente fez anos o sr. Antonio de Abreu Catheiros de Noronha Pereira Coutinho Lobo Machado de Melo e Sampaio (Paço de Vitorino).

Doentes

Tem guardado o leito a Ex.<sup>ma</sup> esposa do sr. Dr. António Amaral.

— Tem estado doente o sr. Rufino Esteves Pereira, activo empregado do Banco N. Ultramarino.

— Continua doente, com algumas melhoras, o sr. Luiz Ribeiro de Faria, digno Tesoureiro do Banco Ultramarino.

— Continua de cama o sr. Paulino Ferreira Leite, proprietario do Hotel Paulino.

A todos desejamos rápidas melhoras.

Chegadas e partidas

— Com sua ex.<sup>ma</sup> familia regressou das suas propriedades em Santa Maria do Souto, o sr. dr. António do Amaral Pinto e Freitas.

— Regressou de Vizela à Trofa o sr. Alfredo Costa.

— Regressou da Povoia o sr. Manuel de Freitas.

Valente não é o que procura a morte; mas sim o que sabe sustentar o seu lugar até morrer.

D. Pedro IV.

- ATENÇÃO -

Cabelos

PARA TINGÍ-LOS — USE A «ORIENTALINE», EXTRAÍDA DA PLANTA HENNÉ, VEGETAL INOFENSÍVEL.

Cada Frasco 20\$00

VENDE-SE SÓ NA

Farm. Dias Machado

— GUIMARÃES —

... AVISAMOS

**Manifesto dos Vinhos**— Para dar cumprimento ao que preceitua a respectiva lei, avisamos os srs. produtores de Vinhos Verdes de que o respectivo manifesto se efectua no Sindicato Agrícola de Guimarães com sede no edificio da Assembleia Vimanesense.

**Licenceamento** — Chamamos a atenção das casas de espectáculos, casas de reuniões (assembleias), lugares de reuniões, hotéis, hospedarias, restaurantes, cafés, tabernas e estabelecimentos similares, para as prescrições da portaria n.º 5049.

GRÊMIOS

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Junta de Repartidores dos Grêmios Industriais deste concelho de Guimarães:

Diz o presidente do Grémio dos Alfaiates deste concelho de Guimarães, que todos os contribuintes que estão colectados no mesmo Grémio, foram postos pelo presidente à votação dos distribuidores e fiscais.

O assunto foi largamente discutido, sendo finalmente aprovada por unanimidade.

Guimarães, 28 de Outubro de 1927.

O Presidente,

Francisco José Ribeiro.

Moto Indian com SIDCAR

Vende-se em S. Torcato, na antiga casa Lamego. Garante-se o seu bom funcionamento.

Casa

Vende-se a da rua de Santa Luzia n.ºs 114, 116 e 116-a, acabada de construir e completamente nova. Para ser vista, falar na mesma rua n.º 12, a qualquer hora do dia, e para tratar, rua do Gravador Molinarinho, 47.

CONVITE

A Misericórdia desta cidade convida, por este meio, os Irmãos da mesma Misericórdia a incorporarem-se na procissão de Finados, que tem de sair da sua igreja pelas 14 e meia horas do dia 1 do próximo mês de Novembro, se o tempo o permitir.

O Vice-Provedor, em exercicio,

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Várias

**Venda de tabaco**— De Janeiro em diante as licenças para a venda de tabaco passam a ser:

Venda por junto, 360 escudos; por miúdo nas tabacarias de Lisboa e Pôrto, 36 escudos; em outros estabelecimentos, 100 escudos e nas restantes terras do país, por miúdo, 30 escudos.

Estas importâncias são acrescidas do adicional de 1 % para o cofre geral dos emolumentos do Ministério das Finanças.

**Novas moedas**— Devem ser postas em circulação, no próximo mês de Novembro, as novas moedas de 5, 10 e 50 centavos e um escudo, feitas na Casa da Moeda.

Casa Nun'Alvares

Rua da Rainha, 53

Grande sortido de artigos religiosos, tais como: terços, placas, medalhas, crucifixos, estampas para livro e caixilho recebidos directamente das melhores casas estrangeiras. Livros de missa desde a encadernação mais simples à de mais luxo. Vários devocionários e pagelas religiosas. Livros escolares para instrução primária e secundária. Artigos de papelaria e objectos para escritório. Várias miudezas.

Ribeiro, Filho

— ALFAITE —

Participa aos Ex.<sup>mos</sup> Fregueses e amigos, que já recebeu o sortido de casimiras nacionais e estrangeiras, para a estação de inverno, em padrões de novidade e grande variedade de côres.

PREÇOS SEMPRE OS MAIS

LIMITADOS DA PRAÇA

Anúncio

Vende-se uma propriedade com duas moradas de casas, com terra de vinho e ramadas com o rendimento de 7 pipas, no lugar do Colbário, freguesia de Cerzedelo, concelho de Guimarães.

Para tratar com Augusto José de Paiva, do mesmo lugar.

Despedida

Firmino José de Sousa Barroso, capitão de infantaria 8, não lhe sendo possível despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, vem fazê-lo por esta forma, agradecendo a todos as penhorantes atenções que sempre lhe dispensaram durante a sua permanência nesta cidade, e oferece-lhes o seu insignificante préstimo em Braga—Rua Nova de Santa Cruz n.º 114 (freguesia de S. Vitor).

NOTICIARIO

Novos párocos

No domingo passado tomou posse da freguesia de S. Paio, desta cidade, o rev. Padre Luiz Gonzaga da Fonseca que nos dizem ser um sacerdote ilustrado, apesar de novo ainda.

A posse foi-lhe conferida pelo rev. Prior de S. Sebastião que representava o rev. Arcipreste que se encontrava enfermo. No final da missa conventual foi o novo pároco muito cumprimentado.

—No mesmo dia tomou posse da coadjutoria da freguesia da Oliveira o sr. Padre José de Souza Monteiro.

Banco Ultramarino

Tendo saído em gôso de licença regulamentar o sr. Luís Ribeiro Pouzada, d. gno gerente do Banco desta cidade, encontra-se na sua auzência um delegado da sede.

Missa de sufrágio

A Mesa da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos, desta cidade, manda celebrar na sua capela, ao dia 31 do corrente, uma missa cantada de "Requiem" e "Liberame", em sufrágio da alma do benemérito vimaranense e grande benfeitor da Ordem Ex.<sup>mo</sup> Sr. António da Silva Cunha, que nesse dia passa o 2.º aniversário do seu falecimento.

A esta beneficente instituição já foi entregue o importante legado de 30.000\$00 Escudos.

Teatro Gil Vicente

No próximo dia 16 de Novembro, realiza-se a anunciada Festa Artística do violinista (amador) António Guise, nela tomando parte uma brilhante orquestra, com a distinta colaboração de elementos do Pôrto.

Roubo

Deu-se há dias um roubo de cerca de 3 contos na casa comercial dos srs. Jerónimo de Miranda & C.<sup>a</sup>, com mercearia na rua da República, 146.

Feita a respectiva participação deu-se começo às investigações. Requisitaram-se agentes de fora, fizeram-se prisões e, por fim, ficou tudo... como dantes.

Constou-nos, não sabemos se com verdade, que o agente, vindo de Braga, não tivera o auxílio de que precisava.

A opinião pública, que costuma julgar em última instância, não se conforma com o andamento das investigações nem acredita que as portas dos roubados se possam abrir misteriosamente sem darem o mais precioso sinal de forçamento.

Sombrinhas de côr e preto, gravatas e camisas. Prefiram a CASA MARTINS.